

ENTREVISTA COM LU MENEZES E AUGUSTO MASSI

*INTERVIEW WITH LU
MENEZES E AUGUSTO MASSI*

Concedida a Masé Lemos
(UNIRIO)¹

Gabinete de Curiosidades
Cabinet of Curiosities

Lu Menezes é poeta, nascida em São Luís do Maranhão, morou em Brasília e há vários anos mora no Rio de Janeiro. Publicou os livros de poesia *O amor é tão esguio* (ed. da autora, 1980), *Abre-te, Rosebud!* (7Letras, 1996), *Onde o céu descasca* (2011) e lançou recentemente *Gabinete de curiosidades* (LunaParque, 2016), feito em dupla com Augusto Massi.

¹ Doutora em Letras pela Sorbonne-Nouvelle. Professora adjunta da Escola de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Rio de Janeiro-RJ. maselemos@me.com

Augusto Massi, poeta e editor, nasceu em São Paulo. Publicou os livros de poesia *Negativo* (*Companhia das Letras*, 1991), *Móbile* (*7Letras*, 1998), *com Age de Carvalho, Vida errada* (*7Letras*, 2001) e lançou recentemente *Gabinete de curiosidades* (*LunaParque*, 2016), feito em dupla com Lu Menezes. É professor de *Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo - USP*.

Masé Lemos é poeta, tradutora e professora na Escola de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Nasceu em Belo Horizonte e mora no Rio de Janeiro. Publicou os livros de poesia Redor (*7Letras*, 2007), *Rebotalho* (*Cozinha Experimental*, 2015) e *No circuito das linhas* (*Oficina Raquel*, 2016).

O livro *Gabinete de Curiosidades* foi lançado no Rio de Janeiro no dia 19 de abril de 2016 com outros livros da *Luna Parque Edições*², dirigida pelos poetas Marília Garcia e Leonardo Gandolfi. A coleção pela qual saiu o livro em questão foi idealizada para publicar livros feitos em conjunto por dois poetas, duas assinaturas em um só livro, provocando nos leitores a questão de como ler estas duas partes do livro como um compósito de objetos diversos. Tanto a escolha dos poetas como o modo de feitura dos livros é livre e, assim, bem diversa um dos outros livros que integram esta interessante e inusitada coleção. No intuito de entender como foi o singular processo de criação do livro *Gabinete de Curiosidades*, escrito pelos poetas Lu Menezes e Augusto Massi, nomes os mais relevantes para o cenário da poesia contemporânea brasileira, decidi fazer esta entrevista. Realizada por e-mail, plena de alegria pela oportunidade deste diálogo em trio, tão rico e que durou entre julho de 2016 e fevereiro de 2017.

Masé Lemos para Augusto Massi e Lu Menezes: Acabo de ler *O gabinete de curiosidades*, publicado pela Luna Parque Edições, que criou este modelo de colocar dois poetas em um mesmo livro. Pressuponho que cada livro tenha um modo de coabitação. Nesse caso específico, fiquei curiosa para saber como vocês realizaram o livro, se houve troca de ideias, de poemas, se combinaram algo ou não.

Augusto Massi: Bom saber que você anda às voltas com o *Gabinete de curiosidades*. Foi uma alegria fazer este livrinho com a Lu Menezes. Tudo deu certo. Quando o Léo e a Marília me convidaram para participar da coleção, logo pensei na Lu, pois, como você pôde ver/ me ouvir naquele Colóquio parisiense, “La poésie dans la littérature brésilienne contemporaine”³, em outubro de 2014, eu estava encantado (ainda estou) com *Onde o céu descasca*⁴. Para minha sorte, a Lu topou.

Em princípio, devíamos ter saído na primeira leva de livrinhos da Luna Parque. Mas, como demorei para engatar na escrita, o atraso acabou sendo um privilégio, já que, ao ler os volumes publicados, notei que havia pouco diálogo entre os poetas. Num belo dia, tive um pequeno surto e propus à Lu que o nosso livro tivesse um tema, armasse uma conversa, realizasse uma troca simbólica: “Para dar alguma esperança aos editores, pensei que nós dois poderíamos revirar nossas caixas de ferramentas e tentar construir um livrinho prático e funcional. Por estes dias, tive uma ideia meio maluca que batizei de *Gabinete de curiosidades*. Pensei que poderíamos tentar escrever alguns poemas, uma série pequena, fabricada em oficina própria. Andei compondo alguns poemas sobre pregos [“Pregando aos pregos”], parafusos [“Parafusos primam pela fixação”] e compus até mesmo uma “Ode a tachinha” [“haikai dos pregos”]. De repente, um mundo se abriu: dedal, alfinete, grampo, chip, plug, etc. Podíamos inventar um breviário, uma micro poética. Imaginei graficamente o livrinho, como catálogo antigo, reproduzindo inúmeros parafusos [que coisa magnífica a cabeça de um parafuso!], porcas, argolas, correntes, dobradiças, etc.. Todos em diálogo com os grande temas: “Pregos cravados em Cristo”, “Sexo seguro para os parafusos”, “O suicídio coletivo dos alfinetes”, “Cemitério dos fósforos”. Se os poemas não vingarem, nos vingamos com um livrinho só de títulos”.

Não sei onde eu estava com a cabeça, mas houve tanta sintonia, tamanha sincronia que a fábrica começou a funcionar. A Lu respondeu à altura: “Massi, adorei os exemplos do seu fecundo

minimalismo satírico, torneado à sombra, creio, do iluminismo enciclopedista. Vai me permitir uma espécie de contrapartida incontornavelmente “feminina”, pois entidades como pregos, parafusos, rebites constituem pequenos mistérios em minha vida de mulher brasileira. Fascinada, entretanto, pelo que seja, por exemplo, “bordado” e suas linhas de conduta. Admiradora dos infundáveis fins e fios a que se destinaram e destinam agulhas e congêneres, vislumbro já o prazer de seriamente me empenhar em uma série de trabalhos nessa oficina arquitetada por você”.

Desculpe pela resposta tão longa para uma pergunta tão breve, mas creio que é tão raro ocorrer uma afinidade realmente eletiva – ainda que respeitando as diferenças – que continuo fazendo propaganda dos produtos Menezes & Massi. Os textos adquiriram um certo ar de família, produção caseira, fábrica de fundo de quintal. Depois, ainda discutimos as epígrafes. Sugeri que fizéssemos uma visita ao velho Machado de Assis. E de lá saíram epígrafes xipófagas. E paro por aqui.

Lu Menezes: O Massi sugeriu falarmos sobre “uma caixa de ferramentas” – parafusos, pregos etc., e gostei da ideia. Mas, mesmo sem bordar, ocorreu-me o “bordado” e a “caixa de costura” que ele supõe, resgatando um título engavetado, *Onde no mundo*, e usando-o como que “em sua tinta”, diretamente vinculado a um “risco” comprado há muitos anos numa loja parisiense. Houve, portanto, um acordo inicial entre nós, embora não tenha sido possível, depois, trocarmos ideias regularmente (mas, finalizadas ambas as partes, nos reunimos ao longo de fecundas e inesquecíveis horas em São Paulo com nossos jovens editores). Tive que aprontar logo o meu texto, em agosto, e ele só pôde fazer seus poemas no final de 2015. As epígrafes machadianas também foram ideia dele. E, conhecida a dele, encontrei a minha.

Sublinho que se não fosse a “caixa de ferramentas” sugerida por Massi, eu jamais teria escrito sobre bordado. Isso se deu em resposta a ele.

Ao iniciar *Onde no mundo*, o acaso, em lance de serendipidade, mostrou-me uma nota agrícola que liguei ao avesso e direito do bordado: “...o tomate a gente vê crescer/e a batata, não”. E alertei o leitor para o fato de “saber algum” me trazer ao “terreno”. Bendita poesia, que nos faculta escrever não sobre a realidade objetiva de uma coisa, mas nossa subjetividade frente a ela! Optar logo por “bordado” foi reação marcada de saída por minha condição *feminina*, em resposta inversamente proporcional ao gosto *masculino* por “ferramentas” no lastro da proposta de Massi. Pois tudo o que até hoje bordei reduziu-se, na infância, a (já nem me lembro) uma flor ou um sol num quadrado de pano; em ponto “atrás” (o mais fácil), pregado na folha de um caderno de desenho – fino como minha magreza e diverso do de uma coleguinha, gorducho como ela.

Terá também contribuído para minha decisão deparar-me há vários anos, nas galerias Lafayette, em Paris, com uma lojinha chamada *Le bonheur des dames*, onde uma espécie de “risco” em preto e branco na vitrine me atraiu: nele, uma mulher mostrava para uma menina um ponto qualquer do globo terrestre, apontando-o com uma varinha. A legenda da cena era *Onde no mundo*. Comprado e guardado o “esquema”, cheguei a pensar nesta legenda como título de livro de poesia. Entretanto, não sendo nenhuma *globetrotter*, foi no retorno ao Massi que ela ganhou pertinência. Pertinência do mínimo “onde” possível à ponta de uma agulha – que faria coincidirem, num ponto de bordado, um ponto geográfico do mundo e um instante na vida de uma mulher concentrada em seu bastidor.

Por outro lado, o título libertário sugerido por Massi, ao expor sua ideia de “ferramentas”, deixou-me muito à vontade para tomar o rumo que bem desejasse. Afinal, um *Gabinete de curiosidades* é simplesmente onívoro. E movida não por familiaridade, mas curiosidade pelo “bordado”; munida de uma enciclopédia e do Google, acabei tendo vertigem: aqueles pontos todos e, sobretudo, aquele “kitsch” todo, em princípio, pouco me interessaram. Mas, garimpado, o campo revelou-se fecundo; e costurado aqui e ali por certa linha do tempo, o meu percurso se enovelou. Ou melhor:

evoluiu num eixo sintagmático. Massi também levou o “tempo” em conta; entretanto, em seu trabalho cada ferramenta parece atuar com autonomia e protagonismo; a teatralidade, digamos, parece-me de outra natureza; seu eixo, o do paradigma – se pensarmos nas pranchas da Enciclopédia, que Barthes em belíssimo ensaio abordou.

A outra fonte propulsora de *Onde no mundo* foi o espírito “coletivo”, o motor triádico que me acompanhou ao longo da escrita. Ao lado do maravilhoso empurrão propiciado pelas ideias de Massi, poeta e intelectual que eu já admirava, o ambiente instigante instaurado por Marília Garcia e Leonardo Gandolfi – nossos belos jovens poetas-editores da Luna Parque – garantiu-me grandes asas. Usei-as com entusiástica urgência, e tomou-me cerca de um mês aprontar *Onde no mundo*. Nunca antes tinha sido *convidada* a escrever um livro de *poesia*; isso me fez sentir *editada*. Foi tão melhor do que ser convidada a publicar um livro já pronto. Através do constante empenho deles, aliado a uma inventividade gráfico-visual presente a cada página, surgiu o nosso *Gabinete de curiosidades*, fruto de afinado quarteto.

Masé Lemos para Lu Menezes e Augusto Massi: Na resposta acima, Lu explica que o livro foi construído como as pranchas da *Encyclopédie*, ou seja, haveria uma tendência de que a primeira parte do livro escrito por ela corresponderia à parte localizada acima das ilustrações onde fica para Roland Barthes o eixo sintagmático, e o livro do Massi corresponderia mais ao paradigma, focando nos objetos em si, mas não de maneira exclusiva. Uma outra maneira também de pensar o livro, e que suplementaria essa, seria, a já por vocês explicitada ironicamente, de uma divisão entre o feminino e o masculino também, claro, não exclusiva. Tamara Kamenszain, no belo ensaio “Bordado e costura do texto”⁵, diz que, se a mulher era fadada ao silêncio, pois não tinha acesso à fala (falo), ela estaria mais próxima da escrita. Se não pode falar, cochicha, sussurra, costura e borda. O bordado, a costura do tecido, está para a escrita feminina (*atravessar* como ação da agulha) assim como o arar, para o imaginário da escrita como uma tarefa masculina (*perfurar*

como ação própria ao alfinete). A imagem do arado para pensar a escrita é tão antiga quanto ela própria: o arado de Édipo que semeia a terra. A versura que retraz o verso para que comece na próxima linha, assim como o arado, as linhas semeadas. Poderiam falar um pouco mais sobre isso?

Lu Menezes: Muito enriquecedoras suas questões, Masé. Bem, quanto à *Enciclopédia*, externei mera *impressão* sobre possíveis tendências; nada a respeito foi planejado ou ditou (ao menos conscientemente) o nosso livro. Inclusive, em ambas as partes, a do Massi e a minha, de modos diversos, acho, há relativa fluência entre os dois “eixos”, demonstrando neste sentido tão só tendências.

Minha reação “feminina” à ideia “masculina” do Massi foi apenas instintiva, desprovida de qualquer ironia (aliás, acredito em diferenças extraculturais entre os dois sexos). Não teve importância ser “masculina”: afinal, eu dispunha de liberdade, e a margem de manobra envolvida – tanto no título libertário como na “caixa” proposta – era para mim tão ampla que a sensação foi não de limitação, mas expansão. Nossas perspectivas, claro, diferenciaram-se. As “ferramentas” cumpriram o objetivo do Massi de se aliarem a “grandes temas”. O resultado foi uma singular e potente crítica poética à fusão homem-máquina que, a meu ver, domina o seu belíssimo *Gabinete de curiosidades*. O alvo que ele atingiu, nunca mirei, pois “grandes temas” me fariam correr o risco pessoal de escorregar em assertividade filosófica. Contudo, em *Onde no mundo*, algumas questões, digamos, afloram; inclusive, a propósito de gênero (gender), em referências à não-participação masculina na produção manual da renda em comunidades pesqueiras, e, contrariamente, ao fato de o bordado ter sido prática corrente na Marinha: “Os marinheiros, eles bordavam”.

Você alude, Masé, via Tamara Kamenszain, ao elo existente no passado “feminino” entre bordado, silêncio e escrita. O texto dela deve ser muito interessante. Em *Onde no mundo*, detenho-me um pouco nas históricas “amostras” – na escrita *bordada* que as

caracterizava. Acho que atestariam a relatividade desse silêncio... Aliás, *mutatis mutandis*, hoje em toda parte mulheres reúnem-se para bordar e, certamente, conversar. Bordam até grande poesia; soube que, em Minas, um grupo de senhoras planejava deitar em colchas a produção dos arcades. Percebe-se aí a amplitude expressiva do bordado, usado de novo para “escrever”, como nas “amostras”. E, entre ambos, escrita e bordado, o denominador comum “desenho” (guardadas as proporções imagéticas). O tempo veloz do desenho, todavia, não é o mesmo do bordado, que parece convidar a certa introspecção... diversa, por sua vez, da que a escrita comporta.

Augusto Massi: Concordo, parcialmente. Se, por um lado, não desconsidero essa possibilidade de leitura, pontuada pela questão do gênero, queria chamar a atenção para um fato decisivo: não há nos poemas o elogio do “masculino”. Pelo contrário, na maioria deles, o discurso “masculino” é sempre objeto de crítica, associado ao universo da violência social, da tortura política e do rastro opressivo da revolução industrial. De certa forma, cada um dos poemas tenta desmascarar a tecnologia de ponta da violência. Nesse sentido, penso que há mais semelhança do que diferença em nossa percepção. Só para dar um exemplo, na quinta parte, “Campos, pontos”, a Lu explora a seguinte imagem: “Bordado, como poesia, é ideia-ônibus que transporta/ de corpos celestes a suturas nos terrestres; todavia/ pontos cirúrgicos? Nem pelas janelas do Google suporte/ dada a semelhança/ com arame farpado em carne e sangue/ transpassados por Guantánamos – barbáries/ que bastidores cavernosos/ às nobres intenções da medicina antepõem”. Essa passagem está em sintonia com o meu “Arame farpado”. O mesmo poderia ser dito sobre os grandes temas. Eles são revelados a partir do que há de mais diminuto. Poética dos bastidores, das caixinhas de fósforo, das amostras de pontos e figuras, do envelhecido estojo de lápis.

O que sempre me atraiu na poesia da Lu – mais do que a “reação feminina” – e que está tão presente em *Onde no mundo*, é a

liberdade da “razão feminina”. Uma curiosidade infernal navega segundo a bússola da imaginação. Seja através do astronauta de *Onde o céu descasca* [2011] seja através de marinheiros e sereias, tudo nela são linhas de navegação, reais e imaginárias. Essa razão obsessiva pelo “Onde” dota sua poesia de uma “latência de futuro”.

Nesse sentido, o *Gabinete de curiosidades*, sem qualquer plano prévio, se transformou numa conversa têxtil, para além de Rio e São Paulo, feminino e masculino, têxtil e fabril, cujos arquivos poéticos se mantêm a salvo, como hoje se diz, na nuvem.

Masé Lemos para Augusto Massi: Poderia falar um pouco mais sobre o poema “Estupro”, que está na sua parte do livro?

Augusto Massi:
Devo muito a Lu
[e também a Paola, a Marília e o Léo]
pela inclusão do “Estupro” no livro.
Vários leitores masculinos
foram contrários à inclusão do poema.
A Lu foi favorável.
E a opinião dela decididamente pesou.

Olha, este poema tem um vínculo profundo com um artigo
que escrevi sobre a questão da violência
tão presente no campus da USP
[estou te enviando o texto em arquivo anexo].
Depois de pesquisar bastante sobre a questão,
fiquei surpreso com o alto número de estupros.
Publicado o artigo no *Jornal da USP*,
todas aquelas informações ficaram martelando na mente.

Ao ler “Une Charogne” Ao ler “Une Charogne”, do Baudelaire,
me deu um estalo
(*Rappelez-vous l'objet que nous vîmes, mon âme,*
Ce beau matin d'été si doux:
Au détour d'un sentier une charogne infâme
Sur un lit semé de cailloux),

do Baudelaire, me deu um estalo.
Senti que poderia incorporar
esse ritmo meio lírico, meio grotesco
[usei livremente a tradução do Ivan Junqueira].

Me interessava saber se um poema lírico
podia suportar qualquer assunto,
ser objeto de um tema tão abjeto.
Por isso, o tom evocativo dos versos iniciais
traz a voz não da mulher estuprada,
mas de seu companheiro,
que também partilhou do terror.

Quando o leitor se dá conta,
já está no meio do poema
e não pode escapar da descrição
entre Boletim de Ocorrência
e gozo do estuprador.

Porém, nos versos finais,
a voz do companheiro indignado reaparece
pelo fato de a denúncia
não ter resultado em nada:
“os delegados da malícia
enfiaram a violação no saco”.

Mas, ainda assim, o poema
persegue uma sutil cumplicidade
cuja linguagem marcadamente masculina
reúne estuprador, delegado
e, até certo ponto, tangencia o companheiro.
A mulher é a única que não fala.

Ao forçar os limites da linguagem,
procurei captar pequenas
oscilações, hesitações, fissuras
que pairam sobre a atmosfera do relato:
brutalidade e cinismo,
foro íntimo e falso decoro.

Por outro lado,
julgo que este poema
está completamente inserido
e fortemente contextualizado
pelos registros sistemáticos
que realizei ao longo do livro
da extrema violência da nossa era industrial.
Explorei metáforas da tortura militar [“parafuso”],
de acidentes de trabalho [“mecânica do mundo”],
da própria tecnologia do nazismo [“arame farpado”]
e também das metáforas sexuais [“ferro na boneca!”].

A linguagem violenta do poema
procura testar e até inverter procedimentos
de certa poesia de vanguarda acomodada ao uso
de trocadilhos, paronomásias, jogos de palavras.
Pensei em Brecht e no Lars von Trier de *Dogville*.
A invenção formal precisa voltar a ser contundente,
romper com o lado ornamental da linguagem,
recuperar o viés do enfrentamento.

Não foi à toa que encontrei
inspiração na “carniça”,
Baudelaire de bolso,
do lado esquerdo.

Masé Lemos para Lu Menezes: “Caixa de costura” é também o título de um fragmento do livro de Walter Benjamin *Infância berlinense: 1900*. Sobre esse fragmento, diz Jeanne Marie Gagnebin que “a criança não borda somente para ver aparecer as flores esboçadas no lado ‘certo’ do papel, ela se encanta também pelo verso, por esse avesso labiríntico inseparável da ordem do desenho”.⁶ Seu livro seria este elã bilateral que irrompe simultaneamente, entre a forma que aparece na frente e o avesso que a deforma, como é o olhar do Corcundinha na obra referida de Benjamin? Há relação com a procura de uma experiência *indireta* aqui com seu livro *Abre-te, rosebud!* (1996)?

Lu Menezes: “Elã bilateral”, nomeando o primeiro bloco de *Onde no mundo*, abre o *Gabinete* e seu duplo *corpus* poético. Tem evidente afinidade metonímica com o *avesso e direito* do bordado, mas seu alcance é o da ininterrupta dualidade que, de múltiplas maneiras, permeia nossa existência. No livro, digo a certa altura que “a gente, obviamente, quase nunca vê/ tudo o que uma coisa é... ou diante/ de algum homem boiando — metade na água/ metade no ar — você tem também/ consciência de ele assim ilustrar/ algo como a quarta dimensão?”

No texto para o *Gabinete*, não pensei em nada que tivesse escrito antes. Mas, como “Rosebud” é, no filme de Welles, uma marca *industrial* que a partir de certo momento traumático e ultraprivado da infância de Kane se fixa em seu inconsciente para aflorar (ou desabrochar) no instante da morte, sim, *Abre-te, rosebud!* pode ter se refletido em *Onde no mundo*. Já que cada um de nós tem seu pequeno-grande canteiro de *rosebuds*, quem sabe a visão dessa pequena “cena” — *comercializada* para ser bordada — tenha, talvez, se implantado no meu?

Masé Lemos para Augusto Massi: No fragmento da acima mencionada obra de Benjamin “O anãozinho corcunda”, encontramos referência a um conto dos Irmãos Grimm, *Canalhada* — também traduzido como *Gentalha* —, onde figuram como personagens a Agulha e o Alfinete. Como na resposta anterior você nos contou sobre a escolha das epígrafes xipófagas retiradas da obra do Machado, poderia falar um pouco mais sobre elas? Há alguma relação com seus livros de poesia?

Augusto Massi: Do *Negativo* [1991] para *A vida errada* [2001] minha poesia ficou menos “lírica”. Procurei ser menos “poético”. A própria linguagem incorporou uma boa dose de desconforto. Agora, com o *Gabinete de curiosidades* [2016], penso que consegui abrir ainda mais o leque, resvalando num certo humor. Os poemas são duros, ácidos, indigestos. Mas, nas leituras públicas, notei algumas risadas na plateia. É uma novidade.

Provavelmente, eu também tenha aprendido algo nos cursos que venho ministrando sobre os contos do Machado de Assis: ironia de ouvido? Filosofia de botão? O punhal da risada?

Masé Lemos para Lu Menezes e Augusto Massi: O livro de vocês tem uma dimensão da artesanaria, um trabalho de rigor formal com a poesia sem, entretanto, apego ao gênero “poesia”. Como vocês percebem esse livro em relação ao cenário da poesia contemporânea brasileira?

Lu Menezes: *Ritmo* foi tudo com que me preocupei. Aliás, *Onde o céu descasca* (2011) só tem vários textos com cara mais semelhante à do “poema” tradicional porque em 2005 já estavam prontos. Aconteceu que, neste ano, saturada de gastar tempo com coisas como a “mancha” do poema, resolvi que, formalmente, dali em diante, só o ritmo importaria. O divisor destas minhas águas foi um poema chamado “Soprando um Burano”, escrito logo após a volta de uma viagem a Veneza, a pretexto de atender a um convite da *Inimigo Rumor*, que não pôde publicá-lo. Nele narro uma ida em *vaporetto* do Lido até Burano, ilha mais distante que Murano, e onde a “renda” é a maior fonte de renda. Por mais ilusória que seja esta ambição, eu queria me manter *próxima* da experiência; queria ser “minha contemporânea”. Descrevo um percurso em que a fotografia é central, e tudo o que acontece é usar a máquina que está comigo. Não foi publicado em papel, mas achou perfeito ancoradouro na internet, quando Aníbal Cristobo convidou-me, em 2006, a inaugurar o site *As escolhas afetivas*. Valendo-me desse miraculoso recurso, pedi a ele que convertesse em *links* duas fotos tiradas no tal percurso: “...note na foto aqui”, digo, e, clicando-se na indicação verbal, torna-se *visível* a foto verbalmente comentada. Alusões aos *souvenirs* de renda que comprei – piano de renda, ruas de renda etc. – arrematam a narração. Ou seja: não me sinto presa a “forma alguma” e, menos ainda, a formas fixas, embora nada tenha contra elas. Tenho é contra regras e prescrições proscritivas.

É melhor não tentar responder ao que você indaga sobre o *Gabinete* no cenário poético contemporâneo brasileiro: não disponho

de meios para isso. Sei que hoje, com a internet e a facilidade de publicar, “poemas” viraram praga. Nada mais banal que um “poema”, e nada mais raro que “poesia”. Daí os que buscam o “poético” fugirem do clássico “poema” e seu ranço identitário, que permite aos milhares de candidatos a poeta confundirem-no com “poesia”. Daí, atualmente, por parte de quem escreve poesia, a intenção de via *prosa* distinguir-se da praga. Parece-me bastante compreensível e saudável a liberdade formal engendrada pela *prosifcação* da poesia. E assim como bons artistas plásticos estão pouco ligando para as suspeitas de quem pergunta “Mas isso é arte?”, bons poetas não se preocupam com que eventualmente não reconheçam como “poema” ou “poesia” o que fazem.

Augusto Massi: “Ritmo foi tudo com que me preocupei”, essa resposta me parece imbatível.

Notas

² Para ver mais sobre a Luna Parque Edições: <http://www.lunaparque.com.br/gabinete-de-curiosidades>

³ Colóquio organizado por Claudia Poncioni, Flora Süssekind, Jacqueline Penjon, Masé Lemos e Vera Lins e que reuniu diversos especialistas em torno da poesia brasileira contemporânea.

⁴ *Onde o céu descasca* é o terceiro livro de poesia de Lu Menezes e foi publicado pela Editora 7Letras em 2011. Ver: <https://www.7letras.com.br/onde-o-ceu-descasca.html>

⁵ Ver Tamara Kamenzain, “Bordado e costura do texto” In: *Fala, poesia*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015, p. 17-22.

⁶ Ver Jeanne-Marie Gagnebin, *História da Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994, p. 91.